

## ARTE E MÍDIA, UMA RELAÇÃO POSSÍVEL, PORÉM DELICADA

Geraldo Sousa Dias - USP

**RESUMO:** A presente comunicação foi elaborada com o intuito de participar do Simpósio no. 8: “Imagem e Experiência: Construções e Incorporações na Contemporaneidade”, proposto pelos coordenadores Luciano Vinhosa Simão (UFF) e Maurício Martins Farina (UNICAMP) ao 23o. Encontro da ANPAP, a realizar-se em Belo Horizonte.

**Palavras-chave:** Arte; Imagem; Mídia

**RESUMEN:** *este texto fue redactado con la intención de participar en el Simposio Nº 8: "la imagen y la experiencia: Construcciones e Incorporaciones en tiempos contemporáneos", propuesto por los coordinadores Luciano rojo color Simão (UFF) y Martins Mauricius Farina (UNICAMP) a 23. Reunión de la ANPAP, celebrado en Belo Horizonte.*

**Palabras claves:** *Arte; Imagen; Los medios de comunicación*

A discussão da relação entre arte e mídia, já tem história, mas acentua-se a com o desenvolvimento de novas tecnologias que vieram possibilitar um novo ensino de arte – notadamente nas chamadas “Medienschulen” na Alemanha, que entretanto, não liquidou as antigas “Kunstakademien”, mas forçou-as a uma atualização.

Esta tentativa de contribuição teve como ponto de partida uma crítica à proposta recente para a criação de um Instituto de Arte e do Audiovisual na Universidade de São Paulo.<sup>1</sup>

O anúncio público de uma dissidência constatada historicamente no corpo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, parecia anunciar um provável ou deduzível desmembramento em dois institutos/escolas com os respectivos e territórios epistemologicamente melhor definidos, quais sejam o de uma Escola de Comunicações Sociais ou Culturais e um Instituto de Artes.

Estranhamente, entretanto, a denominação lançada na carta-manifesto no jornal da USP foi “ Instituto de Artes e Audiovisual”, uma vez que ele abrigaria além das três áreas tradicionalmente pensadas a partir de uma possível integração na obra de arte total – “das Gesamtkunstwerk” alemã, assim como da ópera italiana - as artes plásticas, as artes cênicas e a música, também o Departamento de Áudio Visual

(anteriormente designado como de Estudos de Rádio, Cinema e Televisão - CTR).

Na própria argumentação do artigo, a valorização de propostas para criação de cursos como “sonologia” (curso noturno oferecido pelo CTR e pelo Depto. de Música – e que formaria profissionais com perfil técnico para trabalho na indústria cinematográfica) sugere o abandono de um engajamento inicial pela inserção da arte enquanto discurso autônomo no universo acadêmico e a adoção de uma estratégia circunstancial que perpetua um Instituto híbrido, já que une – através do conectivo e – áreas que podem eventualmente até dialogar, mas permanecem como espaços bastante diferenciados no universo do conhecimento e reeditam com uma roupagem nova, a Escola de Comunicações e Artes dos anos 1960.

Neste ponto a comunicação cinde-se em duas:

- 1) aqui apenas mencionado projeto artístico “Zen Hostel Brasil” - a ser apresentado oralmente em BH – e que discute em discurso poético a conexão arte & mídia
- 2) uma reflexão histórica com viés político e que também pode sugerir uma plataforma de ação ou tomada de posição – apresentada a seguir.

Sabemos que no Brasil, a universidade tem pouco a ver com as similares europeias, cuja história se conta por séculos ou mesmo as norte-americanas, algumas já centenárias. Aqui a Universidade é um fenômeno recente, ainda que a própria fundação da Vila de São Paulo esteja estritamente vinculada à fundação de um em 1554.

Uma vez que, durante o período colonial, ou mesmo no Império, a formação de uma elite intelectual – e de artistas - pouco interessou à constituição de quadros administrativos e técnicos nas funções gerenciais de uma economia exportadora. Individual e voluntariamente, as raras exceções se deram em períodos de formação em Lisboa e Coimbra e mais tarde Paris. As fazendas, onde vivia a maioria da população, tinham a autossuficiência como meta: Tecelões, marceneiros, compunham o quadro de trabalhadores escravos ou assalariados.

A Igreja nos primeiros três séculos é a maior agenciadora da produção cultural colonial: no deslocamento de seus sacerdotes e na difusão das línguas portuguesa, espanhola e latim, na doutrinação e catequese de colonos e nativos, estabelece um pano de fundo sociocultural para a colonização e deixando um rico legado artístico nas cidades mais opulentas, mais austero em São Paulo

Com a vinda da família real para o Brasil em 1816, ocorre a instalação dos primeiros cursos de arte, uma transposição provinciana da Academia Francesa. que se daria apenas em 1826, com a criação da Imperial Academia de Belas Artes.

Através da mão do arquiteto Grandjean de Montigny, metáforas arquitetônicas dos ideais da revolução francesa de “liberdade, igualdade e fraternidade”, representadas pelo frontão renascentista e pela revitalização da arquitetura grega, como os arremates das colunas em estilo dórico, jônico ou coríntio, transformam-se os símbolos de identificação com o poder central da jovem nação. Se por um lado, no Rio de Janeiro, a construção dos novos prédios requisitados pelo corpo administrativo imperial justificava a importação de arquitetos, material e mão de obra qualificada, na tentativa de obtenção de um estilo tão próximo quanto possível das cidades da Europa, nas províncias, como bem lembra Nestor Goulart Reis Filho, os elementos neoclássicos,

(...) limitavam-se sempre aos enfeites de gesso e aos papéis de parede importados, aplicados sobre paredes de terra, socadas por escravos. As soluções neoclássicas eram empregadas apenas superficialmente, para atender de modo mais eficiente às condições locais.<sup>2</sup>

O café e a riqueza acumulada pela sua exportação fizeram de São Paulo um centro industrial, equipando-a com estradas de ferro, novas avenidas, saneamento básico, abastecimento de água e energia elétrica. O período que vai da abertura da estrada de ferro ao término da Segunda Guerra Mundial é marcado pelas transformações que tornam São Paulo uma metrópole.

A substituição nas lavouras de café da mão de obra escrava por colonos livres, em regime de assalariamento, acentua-se a partir de 1888 com a abolição e o incentivo

às imigrações europeias trazem uma alteração nos quadros culturais que se refletirá quando a massa de imigrantes não se dirigirá exclusivamente às fazendas, mas também para a cidade com suas maneiras peculiares de viver e construir.

Com o contato entre as técnicas novas de construção vindas com as ferrovias, os edifícios importados e os preceitos estéticos emanados da Academia Imperial de Belas Artes, a arquitetura abre-se na profusão dos estilos históricos para a adoção de soluções plásticas mais complexas.

Na passagem do século XIX para o XX em São Paulo, a criação do Liceu de Artes e Ofícios contribuiu para a afirmação do ensino da arte, ainda que como consumo conspícuo. Fundado em 1873 com o nome “Sociedade Propagadora da Instrução Popular”, marca o início do ensino da arte às camadas populares não pelo estado mas por um consórcio de empresários da construção civil. Em 1882, se transformaria em Liceu, possibilitando a formação de mão de obra local para as grandes construtoras da época.<sup>3</sup>

Até a fundação do Liceu se em São Paulo, como no resto do país, surgisse alguém que revelasse talento artístico, iria ao Rio de Janeiro. Se caísse no agrado da Corte poderia estudar na Europa – principalmente em Paris. Embora a Corte proporcionasse a tais artistas seguro patrocínio após a volta, alguns paulistas como Benedito Calixto (1853-1927) e Oscar Pereira da Silva (1867-1939) permaneceram em São Paulo, alimentando um mercado incipiente.

No Liceu, desde o início, a orientação era voltada às artes aplicadas. À divisão entre as belas artes e as artes manuais do século XIX a burguesia paulista opta pela segunda, combinando-as num projeto de propaganda educacional. Nas oficinas do Liceu mais do que se criar (embora diversos escultores e pintores de São Paulo tenham tido aí suas primeiras experiências com a Arte), aprendia-se a fazer. De suas oficinas de marcenaria, cerâmica, vidraçaria, forja, saíram os responsáveis por quase tudo que requeria um apuro formal elaborado.

Lembremos que o Liceu dispunha de cópias de famosas esculturas do Museu do Vaticano e do Louvre e que delas fazia moldes de gesso para a confecção de

similares às originais e posterior colocação em praças públicas da cidade.

Esta atitude esconde um conceito de civilização do projeto colonizador, onde a superioridade europeia firma-se no gesto desinteressado da benesse cultural, e nos anos 1930, incorpora-se no Plano de Avenidas de Prestes Maia, determinando sua amarração estética.

É no período imediatamente posterior à Revolução de 1930, que as primeiras universidades são criadas. A pioneira Universidade do Paraná, em 1933, a Universidade de São Paulo, em 1934 e a do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1935.

Para a Universidade de São Paulo, um projeto ambicioso, que contou com a vinda de renomados professores franceses propunha-se um núcleo central na Faculdade de Filosofia que deveria funcionar na formação de quadros políticos e culturais, nos limites de um liberalismo positivista bastante autoritário, característico de nossa República pré- e pós- Vargas.

A organização da Universidade de São Paulo, inicialmente em Institutos, mais tarde em Departamentos, nunca comportou a existência de um Instituto de Arte, embora sua realização fosse objetivo de uma comissão criada em 1965 vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A ideia era transformar as velhas Faculdades em organismos integrados à Universidade, acreditando-se que Institutos – ou Departamentos – apresentariam maior flexibilidade em face da elaboração de seus currículos e estudos.

Em 1967 abandona-se a criação do Instituto de Arte com a criação da Escola de Comunicações, e a criação, a nível universitário, dos cursos de cinema e teatro. Este último vinha sendo ministrado somente na parte prática na Escola de Arte Dramática, transformada em Colégio Técnico e que também se incorpora à Escola de Comunicações e passa a ocupar o almoxarifado da antiga Reitoria.

A Escola de Comunicações transforma-se em Escola de Comunicações e Artes em 1970, com a efetivação de cursos de áreas compreendidas como próximas tais como rádio, televisão, artes plásticas, música, jornalismo, publicidade.

A meio caminho entre o humanista Instituto de Arte e o mediático Instituto de Cibernética, antigos projetos da Universidade, a ECA não consegue elaborar uma filosofia clara em suas proposições que consiga unificar seus cursos, o que contribui para seu estado crítico.

A falta de uma visão ideológica mais configurada, como foi o caso das Escolas de Belas Artes em outras universidades públicas, e mesmo da introdução da relação arte/design na discussão pedagógica, com as Faculdades de Arquitetura ou de Design, também responsáveis por boa parte da formação de artistas.

Nos diversos projetos universitários, a arte foi geralmente tratada com certa displicência, nunca considerada uma forma de conhecimento, de apreensão do real pela percepção e pela sensibilidade, mas sim como um exercício fútil e dispendioso. Podemos resumir que no ambiente universitário brasileiro, a arte ainda não conseguiu alcançar um “status” acadêmico sério. Em vários eventos organizados pela própria Universidade, os cursos regulares de arte são equiparados aos de curta duração, que teriam para o estudante a mesma função recreativa das práticas de esporte. Tal concepção atinge mesmo o sistema de armazenamento e avaliação de currículos acadêmicos criado pelo CNPQ, o currículo Lattes, onde uma exposição de arte é registrada junto a atividades recreativas e de lazer.

Os Bacharelados das Linguagens Artísticas foram criados na ECA/USP somente na última década do século passado. Até então o único curso de Arte era o de Licenciatura, que mais que a formação do artista, procura uma positividade para a arte, no caso sua vinculação ao projeto educativo, que acaba por negar à arte a possibilidade de ser discutida como uma disciplina autônoma.

Desde os anos 1970, o escultor José Resende já defendia o espaço da universidade como o mais adequado para o trabalho e para a discussão da arte, que poderia mesmo funcionar como uma alternativa para o mercado, este mais interessado na veiculação de um objeto vendável e que na maioria das vezes ignora a arte como forma de conhecimento.<sup>4</sup>

Se o artista pensa seu trabalho como um processo de investigação intelectual, na

Universidade ele estaria próximo de seus colegas da pesquisa pura. Em tempos recentes, o setor público de serviços básicos como saúde, transporte e educação passou por um lento processo de sucateamento que não poupou a Universidade pública, com a expansão do ensino superior principalmente no âmbito privado.

Defender hoje a Universidade pública, e situar nesse espaço a produção e a discussão da arte significa atribuir ao Estado a responsabilidade de manter esta área do conhecimento no processo cultural tomado em sua íntegra. O tipo de Estado que contribuiremos para construir nos próximos anos talvez realize a projeção de uma situação futura, e que possa se refletir na Universidade necessária para a realização deste projeto, retomando uma expressão criada por Darcy Ribeiro, e reivindicar para a arte seu espaço.

Numa época de intensa contaminação entre as linguagens, ninguém defenderia aqui o purismo da pintura ou da escultura, fatalmente influenciada pelo contato constante com as novas tecnologias que atingem todos os domínios da vida humana. Ou sequer pensaria que o cinema, o vídeo, a performance multimidiática, não possam ser consideradas criações artísticas.

Desde Marcel Duchamp, a arte não pode ser pensada a partir das delimitações das linguagens adotadas pelos artistas, mas sim numa abordagem epistemológica. De artes plásticas a artes visuais, verbo-voco-visuais, ou simplesmente arte, a questão que continua a ser proposta é a articulação entre liberdade e conhecimento e deste caminho, nosso fascínio pelas novas tecnologias não nos deveria desviar desta perspectiva, mas sim reforçá-lo.

É claro que aqui se pretendeu recolocar a arte no espaço institucional a partir de seu entendimento como atividade cognitiva, articulando elementos da sensibilidade e da veiculação de estados perceptivos, organizados num território poético não necessariamente racionalizáveis, o que por princípio a afastaria dos preceitos normativos das comunicações sociais. A ambiguidade no discurso, eticamente condenável no jornalismo, parece ser justamente a riqueza da arte e suas múltiplas interpretações.

## Notas

---

<sup>1</sup> Salzstein, S. e Ramos, L.F, “Por um Instituto de Arte e Audiovisual na USP”, *Jornal da USP*, ano XXIX No. 1834, (versão on-line) de 28 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Reis F., N.G. **Quadro de Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p.34

<sup>3</sup> site <http://liceuescola.com.br/portal/?q=historia>, acesso em 3.6.2013

<sup>4</sup> Rezende, J., “A Formação do artista no Brasil”, *Rev. Malasartes*, São Paulo, set./out./nov. 1975, pp. 24-25, republicada em *ARS - Revista do Depto. de Artes plásticas da ECAUSP*, ano 3, Nr. 5, 2005

## Geraldo Sousa Dias

Professor Associado no Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP. Graduadoração em Arquitetura pela FAU/USP (1979), mestre em Artes Plásticas pelo Pratt Institute, New York (1984), doutorado pela Universität der Künste Berlin (2000) e Livre-Docência pela USP (2006). Líder do Grupo de Pesquisa "Palavra & Imagem: A incorporação de códigos da escrita nas artes visuais". Tem como questões recorrentes em sua produção artística, estruturas geométricas, recortes urbanos, a colagem, a incorporação da palavra e a paisagem.